



# SOBRE RODAS: NARRATIVAS DE PROFESSORES QUE ATUAM COM CADEIRANTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS EM RIO GRANDE/ RS

## ON WHEELS: NARRATIVES OF TEACHERS WHO WORK WITH WHEELCHAIRS IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES IN MUNICIPAL PUBLIC SCHOOLS IN RIO GRANDE/ RS

Thiago Silva Peres **1**  
Rodrigo Lemos Soares **2**

**Resumo:** O estudo narra as ações pedagógicas praticadas por professores de Educação Física, pesando a participação de cadeirantes das escolas públicas municipais de ensino fundamental em Rio Grande/ RS. O trabalho contempla os contextos quanto às acessibilidades e locomoções, no entorno e dentro das instituições que tenham em seus quadros esses estudantes, além condutas dos professores de Educação Física em relação a preparação das aulas. A pesquisa caracteriza-se pelo cunho qualitativo e foi produzida por visitas aos campos e entrevistas semiestruturadas com quatro professores, da rede municipal, que trabalham diretamente com cadeirantes. Referente as análises recorremos a Análise de Cultural e observamos que os professores afirmaram: não seguirem ações pedagógicas específicas para o trabalho com cadeirantes; a falta de subsídios na parte da formação acadêmica; ausência de materiais específicos e de monitores para os cadeirantes participarem das atividades propostas; reiteram a precariedade estrutural arquitetônica para atender os cadeirantes de forma satisfatória.

**Palavras-chave:** Educação Física. Educação Inclusiva. Cadeirantes.

**Abstract:** The study narrates the pedagogical actions practiced by Physical Education teachers, weighing the participation of wheelchair users in municipal public elementary schools in Rio Grande/RS. The work contemplates the contexts regarding accessibility and locomotion, in the surroundings and within the institutions that have these students in their staff, in addition to the conduct of Physical Education teachers in relation to the preparation of classes. The research is characterized by a qualitative nature and was produced by visits to the fields and semi-structured interviews with four teachers, from the municipal network, who work directly with wheelchair users. Regarding the analysis, we used the Cultural Analysis and observed that the teachers stated: they did not follow specific pedagogical actions for working with wheelchair users; the lack of subsidies in terms of academic training; absence of specific materials and monitors for wheelchair users to participate in the proposed activities; reiterate the architectural structural precariousness to satisfactorily serve wheelchair users.

**Keywords:** Physical Education. Inclusive Education. wheelchair Users.

- 
- 1** Graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6157427447660007>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1688-4141>. E-mail: [thiago\\_silva\\_peres@hotmail.com](mailto:thiago_silva_peres@hotmail.com)
  - 2** Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Mestre em História e Educação em Ciências, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Professor na Faculdade de Educação da UFPEL. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7158430253302821>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1690-8991>. E-mail: [rodrigosoaresfurg@gmail.com](mailto:rodrigosoaresfurg@gmail.com)
- 

## Montando as cadeiras: incursões preliminares

O estudo se propõe a realizar uma reflexão acerca das ações pedagógicas utilizadas por professores de Educação Física de escolas municipais de Rio Grande/ RS, com relação aos seus discentes cadeirantes. Em seu todo, o trabalho contempla os contextos quanto à acessibilidade e locomoção, no entorno e dentro das instituições que tenham em seus quadros esses alunos<sup>1</sup>. Essa pesquisa, para nós, se faz necessária visto que não tínhamos ideia de como é a situação desses estudantes, em específico, da cidade em questão. Desconhecíamos se as escolas apresentam acessibilidade para locomoção destes sujeitos e principalmente como decorre a participação deles dentro das aulas de Educação Física.

Um dos aspectos discutidos no trabalho é a questão que envolve noções de inclusão e integração, visto que elas nos saltaram, enquanto ferramentas basilares quando acessamos espaços e dialogamos com professores acerca da participação de cadeirantes no ambiente escolar. Para tanto partimos com a ideia de que inclusão social é um conjunto de processos pelos quais os sujeitos buscam formas de adaptação mutuas, na intenção de equiparar acessos “[...] na sociedade, no trabalho, no lazer, nos serviços de saúde, etc, significa que a sociedade deve adaptar-se às necessidades da pessoa para que esta possa desenvolver-se em todos os aspectos de sua vida [...]” (SASSAKI, 1997, p.168).

Outro ponto estudado e que entendemos que se deva considerar são as condutas dos professores de Educação Física em relação a preparação das aulas. Este enfoque foi elencado, pois, o consideramos balizador para que possa haver interação dos alunos cadeirantes, não só com os outros colegas da escola, mas também, em específico, em relação a participação nas atividades elaboradas e desenvolvidas neste componente curricular.

De acordo com Dutra *et. al.* (2006), o professor que trabalha com a inclusão deve preparar-se para enfrentar dificuldades que encontrará ao tentar oferecer uma educação adequada<sup>2</sup> aos alunos com e sem deficiência, a fim de gerar um espaço democrático e ter sucesso em suas metas inclusivas. Apoiado nessas palavras, nosso estudo aponta como alguns professores de Educação Física das escolas municipais de Rio Grande/ RS tem trabalhado com a questão da inclusão/integração dentro de suas aulas.

Destacamos, a partir de então que quando adaptamos a Educação Física às possibilidades de cada aluno, acabamos por proporcionar a inclusão (DUTRA *et. al.*, 2006). Todo o programa deve desafiar os alunos e permitir sua participação respeitando os limites individuais e impulsionando a independência (MARQUES *et. al.*, 2008). Outra discussão se coloca para o trabalho: a noção de inclusão que não se diferencia, em certo ponto, da de integração? Estes conceitos são discutidos visando seu ponto chave que sugere mais adequação dos espaços em volta dos sujeitos, adaptando locais e objetos para as necessidades dos cadeirantes, a fim de proporcionar melhores condições que possibilitem aprendizado e contribuam para formação pessoal quando entende, mas não se limita aos caracteres físicos dos sujeitos, isso porque, acreditamos em uma docência com potencial de evidenciar valores sociais que agrega e compartilha subjetividades “[...] através da prática, enfatizando a integração e dando ensejo à educação, saúde e primordialmente à atividade física pode competir, enquanto tarefa, aos professores [...]” (DUTRA *et. al.*, 2006, p.11).

A partir de Dutra *et. al.* (2006) entendemos que a mediação das situações no espaço escolar pode ser atribuída aos professores em formação (estagiários) e aos já atuantes na área. Seria função destes profissionais promoverem as mudanças necessárias a fim de desenvolver uma noção de Educação Física que propicie interação e integração, aproximando-se, de uma ideia de escola para todos, ou que se pretenda como um espaço de socialização? Eis, mais um possível olhar para temática em questão.

Com base nesses questionamentos, fomos a campo para observar as estruturas das escolas e, também, conhecer os professores para investigar as metodologias utilizadas por eles para

1 Enquanto estratégia de escrita não abordaremos flexão de gênero, embora saibamos dos campos políticos em disputa por esses espaços. Recorreremos ao gênero masculino por se tratar da maioria de colaboradores e sermos dois sujeitos que se identificam com tal denominação.

2 O autor julga por adequada a educação que se adapta aos princípios de inclusão e integração dos alunos na sociedade quanto a acessibilidade, inserção e formação de professores na área.

planejar suas aulas, bem como eles as modificam, ou não, para contemplar alunos cadeirantes. Quais seriam, aos olhos dos sujeitos da pesquisa as adaptações necessárias para incluir/ integrar um cadeirante, suas possibilidades e limitações dentro de uma aula de Educação Física. Nessa introdução apresentamos questões, algumas respondidas e outras que propiciam inúmeras escritas, pois entendemos que essa é a função de pesquisar: suspender certezas e produzir mais questionamentos.

No entanto, para essa escrita destacamos como questão orientadora nossa o questionamento: quais são as situações das escolas do município de Rio Grande/ RS em relação a acessibilidade de alunos cadeirantes e como os professores de Educação Física atuam na formulação e adaptação de suas aulas visando a participação desses sujeitos? Tal proposição oportunizou que nosso objetivo geral tenha sido o de investigar a inserção e a participação de discentes cadeirantes, nas aulas de Educação Física das escolas públicas municipais da cidade do Rio Grande, a partir das ações pedagógicas utilizadas pelas professoras deste componente curricular.

O artigo então está organizado em subseções sendo primeiro a introdução nominada como “Montando as cadeiras: incursões preliminares”, as atitudes metodológicas intituladas “Articulando ferramentas para não dizer que inventamos a roda”. Nesse item apresentamos todo percurso da pesquisa, que é mais ampla que esse artigo, visto que, ele é uma parte de um trabalho de conclusão de curso, na modalidade monografia, de um curso de Educação Física – licenciatura.

As análises que compõem esse artigo são oriundas do processo de entrevista com quatro professores e foram subdivididas em três itens: o primeiro “Participação de cadeirantes: cotidianos e atravessamentos”, o segundo “Metodologias e planejamento: rastros da atuação profissional” e o terceiro “Infraestruturas: escolas, seus entornos e implicações nos processos educacionais de cadeirantes”. A última parte, nossas considerações momentâneas, denominadas como “Das aulas, das ferramentas, dos saberes, dos fazeres e dos caminhos percorridos: o que ficou?”. Por fim, as referências utilizadas, as quais intitulamos como “Ferramentas”.

## **Articulando ferramentas para não dizer que inventamos a roda**

Para produzirmos essa pesquisa nos apoiamos na vertente Pós-estruturalista<sup>3</sup> dos Estudos Culturais, que, segundo Escosteguy (2003, p.04) pode ser entendido como um movimento “[...] onde autores contemporâneos almejam uma conexão mais forte entre estudos culturais – centrados mais numa análise teórica e de crítica cultural – e intervenção política [...]”. Esse campo teórico aponta para diferentes culturas, as quais necessitam ser estudadas, mas que para tanto, precisamos atentar às suas especificidades. Os Estudos Culturais, em sua vertente Pós - estruturalista atenta às manifestações culturais que vão de encontro com os entendimentos tradicionais da cultura.

Além disso, os Estudos Culturais permitem pensar na relação entre poder e cultura. De acordo com Giroux (2005, p.90) neste campo “[...] abarcam uma grande diversidade de fenômenos culturais e sociais que caracterizam um mundo pós-industrial cada vez mais hibridizado [...]”. Nelson, Treichler e Grossberg (2005), por sua vez, escreveram que esse campo não possui um método distinto de outras perspectivas teóricas, mas sim apresenta possibilidades de diálogos e articulação entre ferramentas, necessárias que forem se mostrem pertinentes ao desenvolvimento de um estudo.

Os Estudos Culturais permitiram-nos olhares aos contextos sócio temporais para entendermos algumas pistas sobre os processos educacionais que envolvem sujeitos cadeirantes. Exposto isso, dentre as ferramentas de produção de dados utilizados, estão à imersão no campo, que ocorreu em um primeiro momento com visita a Secretária Municipal de Educação de Rio Grande (SMED-RG). Posterior a isso, pós autorização do órgão e em posse dos nomes das instituições que possuem alunos cadeirantes, realizamos visitas às escolas, para verificarmos a infraestrutura e procedermos com o recolhimento, produção de imagens. Na execução dessa etapa, ao adentrarmos as escolas buscamos saber quem são os professores de Educação Física que atuam com os cadeirantes. Uma

3 Silva (2013, p.118) explicita que o pós-estruturalismo pode ser entendido como “[...] uma continuidade e, ao mesmo tempo, como uma transformação relativamente ao estruturalismo [...]”. Para o autor, o pós-estruturalismo, percebe à linguagem enquanto “sistema de significação”. Opera no sentido de afrouxar a noção de fixidez de concepções estruturantes socioculturais.

vez conseguido os contatos dos profissionais realizamos uma aproximação e apresentamos o estudo e, por última atitude metodológica, realizamos as entrevistas semiestruturadas individuais.

Esses delineamentos, exigidos pelos campos da pesquisa, possibilitou-nos por alocá-lo, enquanto um estudo de vertente qualitativa (LÜDKE, 1986). Beuren (2008, p.92) aponta que nessas tipologias de pesquisa “[...] concebem-se análises mais profundas em relação ao fenômeno que está sendo estudado destacando características não observadas por meio de um estudo quantitativo [...]”. Essa caracterização do estudo demarca a ocorrência de caminhos percorridos em prol da contemplação das inúmeras dúvidas que surgiram a cada passo dado (GIL, 2010). De acordo com Dalfovo *et. al.* (2008) a vertente qualitativa consiste em alguns métodos como: entrevistas (abertas ou fechadas), observação participante, análise documental (cartas, diários, impressos, relatórios, etc.), estudos de caso, história de vida, etc. A pesquisa define-se então como um “[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos [...]” (GIL, 2010, p.10).

Ao fim, este estudo teve como base uma bricolagem de técnicas metodológicas para produção dos dados. Ainda na fase de projeto, iniciamos por um primeiro olhar no campo empírico como visitas às escolas fator que nos auxiliou na produção das justificativas pessoais e do problema de pesquisa. Construímos nossa revisão de literatura sobre o desenvolvimento das cadeiras de rodas e inserção dos cadeirantes na educação, no qual observamos a importância de debater acerca das temáticas inclusão e integração. Para tanto, recorremos a fontes como: reportagens, livros, artigos, dissertações e teses, bem como, realizamos pesquisas nos sites DATASUS e Ministério da Saúde nos quais buscamos documentos governamentais (Leis, Decretos, Normas Operacionais, Portarias, Instruções e Manuais).

Os passos dados para construção desse texto decorreram de três visitas a Secretaria Municipal de Educação do município do Rio Grande/ RS (SMED-RG) para sabermos o número de cadeirantes e quais escolas esses frequentam. Realizada esta primeira etapa e com o consentimento da secretária responsável pela Educação Inclusiva, fomos até as instituições indicadas para visualizar a infraestrutura das mesmas e seus entornos (calçadas, paradas, ruas ao redor). Essas, aos nossos olhos, sinalizaram condições de possibilidade, tanto para o acesso de cadeirantes, quanto para os professores de Educação Física produzirem suas aulas (FIGUEIRA, PEREIRA, SOARES, 2015).

Ademais a isso, realizamos um levantamento de publicações na Biblioteca Virtual de Saúde Pública e no Portal de periódicos da CAPES, além desses, nas bases de dados Scielo; MEDLINE e LILACS, nos meses de janeiro a março de 2022. Os termos descritores utilizados nas pesquisas foram: cadeiras de rodas; inclusão e integração; cadeirantes na Educação e cadeirantes na Educação Física, estabelecemos como filtro o assunto escola, o qual foi pesquisado pela expressão exata. Operamos como critério para descarte de material as publicações que não apresentavam objetivo referente aos descritores.

Encontramos até a escrita desse texto 9.638 artigos, dissertações e teses. O quantitativo do material encontrado está exposto na tabela abaixo, conforme a ordem de pesquisa pelos unitermos e (suas siglas ao lado) que seguem: cadeira de rodas (c. r.), inclusão e integração (i. e i.), cadeirantes na Educação (c. Educ.) e cadeirantes na Educação Física (c. Edu. Fís.).

Em posse dos arquivos realizamos outra busca, dessa vez nos materiais triados, a qual demarcamos como filtro os descritores: metodologia (met. cad.), ensino (ens. cad.) e Educação (Educ. cad.) relacionados ao ensino de cadeirantes e em sua grande parte os materiais encontrados continham alguma destas palavras, acima descritas. Então buscamos por metodologias para cadeirantes e não encontramos trabalhos no campo da Educação Física.

Assim que as publicações foram selecionadas as agrupamos com base no objetivo geral e as dividimos em quatro áreas temáticas que compuseram nosso referencial teórico. Destacamos que os materiais oriundos dessa atitude metodológica originaram outros textos, os quais serão enviados para publicação como Artigo de Revisão. Contudo, alguns dados fundamentam esse artigo.

No exercício metodológico, ao revisarmos os arquivos encontrados, produzimos categorias, tal como foi feito com as narrativas dos colaboradores. Para cada categoria atribuímos um nome (subtítulo), para os quais elaboramos pasta para armazenar os textos referentes e produzimos arquivos de word no qual destacamos os elementos chave de cada trabalho. A separação, no primeiro momento, foi realizada a partir da leitura dos resumos e das palavras chave, depois aprofundamos

as leituras para reorganizar os arquivos e realoca-los onde condissessem mais com as temáticas. Assim, especificamos nossos caminhos e apresentamos os eixos/ categorias que possibilitaram nossas imersões na temática, são elas: arquivos, bases e documentos legais; processos históricos da Educação inclusiva e presença desse conceito na Educação Física; conceituações de órtese e prótese; Integração e Inclusão.

Como anunciamos esse artigo ocupou-se das narrativas de quatro professores entrevistados no ano de 2021 via plataforma *Google Meet* e o termo de consentimento livre e explicativo foi repassado via *Google docs*. Os professores serão identificados pela letra P, seguida do numeral referente a ordem de ocorrência das entrevistas. Depois dos encontros, transcrevemos e enviamos os arquivos individuais para cada colaborador e, nesse momento eles tiveram a possibilidade de subtrair ou adicionar informações, posterior a isso nos enviaram o arquivo conjuntamente com o termo de consentimento.

Uma vez lido os arquivos produzimos os seguintes tópicos de análise: Participação de discentes cadeirantes: cotidianos e atravessamentos; Planejamento das aulas e atuação dos professores; Infraestruturas: escolas, seus entornos e implicações nos processos educacionais das cadeirantes. Desse modo, procedemos as análises recorrendo ao procedimento denominado Análise Cultural (WORTMANN; VEIGA-NETO, 2001), por compreendermos que o mesmo nos possibilitou questionar verdades e contextos ao observar a temática, enquanto produto e produtora das ações culturais.

## **Participação de cadeirantes: cotidianos e atravessamentos**

Este subtítulo foi produzido, a partir das análises referentes ao contexto investigativo que se refere à participação dos cadeirantes nas aulas de Educação Física e as ações pedagógicas que os professores utilizam em suas aulas. A primeira categoria ocupou-se de saber: os cadeirantes participam da aula de Educação Física? Obtivemos como respostas aspectos relacionados à inclusão e vínculo. Para tanto, no que tange a participação recorreremos ao conceito de inclusão social, afinal a participação pode ser entendida como uma forma inclusão em um determinado espaço/ ambiente. Assim, dialogamos com Sasaki (1997) ao escrever que a inclusão social pode ser entendida como:

Processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos (SASSAKI, 1997, p.41).

Após abarcarmos este conceito, a participação dos alunos cadeirantes nas aulas de Educação Física, parece-nos que se torna uma busca de promoção de soluções e de oportunidades, seja por parte dos professores, da comunidade escolar, ou ambos. As respostas a estes questionamentos seguiram uma mesma linha, onde as diferenciações estão expressas abaixo, porém todos relataram que a participação desses estudantes em suas aulas, ocorrem dentro das limitações de cada cadeirante.

“[...] no geral eles participam normal, dentro das condições deles, participam normal, se vinculam [...]” (P-01) “[...] participam dentro das limitações deles, eu tenho que fazer várias atividades diferenciadas pra eles, mas é sempre bem legal [...]” (P-02). “[...] Em geral participa, às vezes, não quer, se é alguma atividade muito agitada, sente medo, mas na maioria das aulas participa bem, mas estamos em uma relação inicial, sem um vínculo, porque recém chegou na escola [...]” (P-03). “[...] eu sempre tentava fazer com que participasse foi a minha primeira experiência com cadeirante, mas era tranquila, eu sempre pesquisava muito e ainda estava cursando Educação Física e tinha aula de esportes adaptados e não tive muitos problemas para estabelecer vínculos [...]” (P-04)4.

4 As narrativas dos colaboradores estarão dispostas no corpo do texto grifadas em itálico e procedidas da letra P e o número de realização da entrevista/ conversa, além de serem demarcadas pelos itens de supressão “[...]” e

P-03 relatou que está com a cadeirante há pouco tempo, e que ainda não criou um laço de confiança relativamente forte, pelo fato de a cadeirante vir de outra cidade e estar em processo de adaptação as novas rotinas que estão acontecendo em sua vida. Por isso, segundo o colaborador, sempre que a cadeirante não quer fazer alguma atividade muito agitada por medo, ele não a obriga, justamente por não ter uma relação tão próxima como tem com os outros estudantes. No entanto, ele conta com o auxílio dos colegas, que em princípio, parecem ter acolhido a cadeirante, afirma isso ao expressar que “[...] ela tem medo, ainda não nos conhecemos bem, não temos um vínculo [...] mas, estou sempre tentando fazer com que ela participe [...] A turma ajuda muito, colegas disputam entre si para fazer o deslocamento dela até a quadra com ela e vejo isso como algo bom, porque aproxima todos [...]” (P-03).

Com relação aos vínculos, Campos (1994) expõe que estes são produzidos processualmente. Segundo o autor “[...] só existe produção de vínculo e confiança, quando se reconhece o outro na sua condição de sujeito [...]” (CAMPOS, 1994, p.29). Deste modo, pensamos que essas relações podem se desenvolver com base na confiança, no entanto, isso não exime P-03 do atendimento das necessidades da cadeirante, uma vez que ele expressa sua preocupação em fazer a discente participar das aulas.

Nesse sentido, recorremos a Carmo (2001) quando nos alerta para o quanto os profissionais envolvidos com a educação inclusiva, no caso em discussão a Educação Física, necessitam produzir conhecimentos que tragam consequências e contribuam para pensarmos o atual contexto social em que vivem as pessoas com alguma necessidade educativa específica. Isto é, percebemos o quanto o contexto e a participação dos demais colegas pode auxiliar no processo de inclusão social, bem como na interação e participação de cadeirantes nas atividades propostas. Dialogamos, então, com o estudo de Schimith e Lima (2004) ao relatarem sobre a importância da ação coletiva para que os sujeitos interajam e sintam-se acolhidos.

Assim, buscamos Uchôa e Vidal (2004, p.498) ao escreverem que os vínculos e parcerias dependem “[...] da influência do contexto social e cultural sobre as maneiras de pensar e de agir das populações frente aos seus problemas de saúde [...]”. Desse modo, pensamos que as relações, especificamente as escolares, decorrem das abordagens que são realizadas e sob este viés implica em atentarmos a posturas que convirjam com os anseios da população atendida, fator que possibilita criação e manutenção dos vínculos.

## Metodologias e planejamento: rastros da atuação profissional

As análises que seguem problematizam questões referentes a metodologia utilizada por eles nas aulas, questionamos: tem alguma metodologia específica que tenha adotado para trabalhar com cadeirantes? foram respondidas em sentidos próximos a não adoção de alguma metodologia específica. Além disso, questionamos os colaboradores sobre: como você trabalha com esses alunos nas aulas de Educação Física? Como programa/ planeja suas aulas para que os cadeirantes participem? Reiteramos que os questionamentos voltados ao planejamento das aulas e procedimentos utilizados para o trabalho com os cadeirantes advém das narrativas sobre metodologia sinalizarem a ausência de métodos definidos para o grupo em questão, os cadeirantes. Logo, os cotidianos anunciados (WILLIS, 1997) fizeram com que produzíssemos questionamentos para prosseguirmos com as conversas. Vejamos, as narrativas que seguem:

“[...] não, não tenho nada assim bem definido, eu procuro fazer da melhor forma possível [...]” (P-01); “[...] não tenho algo específico, mas leio várias coisas, pra pensar as atividades [...]” (P-02); “[...] Não tenho nada específico, dependendo da atividade que vou realizar tento adaptar para que ela participe [...]” (P-03); “[...] mas não tinha uma metodologia específica, eu procurava fazer algo diferente que pudesse estar sempre incluindo [...]” (P-04).

Todos narram que não seguem uma metodologia específica para trabalhar com cadeirantes, afirmaram ainda que pensam a atividade e posteriormente adaptam ela para a participação dos cadeirantes. Dialogamos, então, com Carmo (2001) ao escrever que os profissionais têm optado por fazer arranjos, adaptações e improvisações nos conhecimentos já existentes. Para Gadotti (2000),

contemporaneamente, estamos vivendo em um mundo globalizado e informatizado, com isso áreas como a Educação, no caso desta pesquisa, tem de rever conceitos, métodos e quebrar paradigmas para suprir as demandas que envolvem processos metodológicos e de ensino-aprendizagens. Os modos de se pensar a Educação Física voltada para as necessidades educacionais específicas não escapa a essa lógica de movimento e, como qualquer componente curricular precisa ser planejada (VEIGA-NETO, 2011).

Na esteira dessa ideia adentramos no planejamento, sobre o qual foi narrado que: “[...] eu prefiro trabalhar sempre assim, planejo ações em grupo, ou no mínimo em duplas, porque facilita para a cadeirante, para que não fique aquela coisa de, a eles estão todos em duplas e eu estou sozinha [...]” (P-01); “[...] só tento fazer eles se inserirem naquele contexto da turma né, e quando preparo as aulas já faço tudo pensando neles, eu monto a aula já pensando nisso e em como a atividade poder articular as necessidades dele sem com isso afetar o desenvolvimento dos demais [...]” (P-02); “[...] o meu planejamento foca no conteúdo e não na deficiência, as atividades são para todos, sem restrições, mas tem dias que proponho coisas para que os não cadeirantes tenham uma experiência de como é fazer uma atividade nessa condição, mesmo que não seja igual [...]” (P-03); “[...] é o que eu estava te dizendo, planejo sempre procurando não deixar ela de fora, essa aluna tem uma monitora que sempre participava das atividades com ela segurando a cadeira, fazendo com que ela pudesse fazer as atividades, mas me preocupo em lançar atividades que ela possa fazer sem a presença da monitora, até porque não é sempre que tem, é raro ter [...]” (P-04).

Com relação a como os professores trabalham com os cadeirantes nas aulas P-01 disse que prefere trabalhar em grupo ou no mínimo em duplas, ainda afirma que todos os alunos adoram participar com o cadeirante, e que não percebe problemas relacionais entre os estudantes. O P-02 segue na mesma linha de pensamento ao afirmar que delega funções para cada um nas suas aulas, fazendo com que o cadeirante participe, de alguma forma, de suas aulas. P-03, também trabalha em pequenos grupos, relatou em outro momento, que resolveu trabalhar o basquete pela proximidade desse esporte com os cadeirantes, conseguindo assim desenvolver alguns fundamentos e brincadeiras coletivas. Já, P-04, não especificou bem como trabalha com os cadeirantes, mas seguiu na mesma linha afirmando que sempre tenta não deixar o aluno de fora, fazendo as adaptações necessárias para que ele pudesse realiza-las, tendo em vista a necessidade de projetar algo para quando não se tem auxiliar de sala.

Insistimos e questionamos sobre como planejam suas aulas para que os cadeirantes participem, ao que nos foi explicado que “[...] eu trabalho só com series iniciais né, as atividades que eu realizo com eles, na grande maioria não prioriza um esporte específico, eu priorizo muito atividade de coordenação motora, coordenação motora fina [...]” (P-01); “[...] eu planejo as aulas da mesma maneira todas, só nas dos cadeirantes que eu acrescento algumas coisas, tiro outras, pra que eles possam vivenciar da melhor forma [...]” (P-02); “[...] Programo para todos os segmentos da mesma maneira, e nas turmas que tenho aluno incluso daí tenho um olhar especial para adaptar algumas atividades [...]” (P-03); “[...] dentro do que eu estou trabalhando, na época os jogos coletivos, eu estava sempre adaptando, porque não se acha nada pronto pra cadeirante, então tu tem que adaptar [...]” (P-04).

P-01 afirma que trabalha somente com series iniciais, então não prioriza esportes. Diz ter preferência por trabalhar com a coordenação motora (ampla e fina), propõe que os estudantes manipulem pequenos objetos o que vai ao encontro do proposto por Lehnen *et. al.* (2019, p.156) ao escreverem que “[...] atividades desse tipo devem ser incentivadas desde a infância e adolescência, e continuadas na vida adulta [...]”. Segundo ele os demais professores, da escola, reclamam dos alunos, que não sabem segurar o lápis direito, nem escrever ou fazer recortes. Expõe que prioriza o respeito aos colegas e introduz elementos de esportes nas atividades propostas, entende que ao agir assim facilita o trabalho com os cadeirantes.

Das 4 (quatro) aulas que ele tem por mês com cada turma, 3 (três) são planejadas, deixando uma aula livre para que os alunos possam realizar as atividades que mais gostam, ressaltando que essa aula, cabe a eles escolherem o que querem fazer, porém ressalta que as atividades são comandadas e mediadas por ele (P-01). Os demais professores relataram que planejam todas as aulas da mesma forma, dando ênfase a participação de todo o grupo e fazendo as adequações necessárias nas turmas em que se encontram os cadeirantes, porem dentro do conteúdo trabalhado.

No ambiente escolar, a pedagogia do esporte se volta não para a formação de atletas de performance, e trabalhado de forma que todos possam ter acesso às habilidades e gestos motores de acordo com o seu desenvolvimento biológico, psicológico e social dentre outros conhecimentos, por exemplo, os conteúdos atitudinais e conceituais (FREIRE, 2000, p.12).

Destacamos, nessa direção o que foi mencionado por P-04, ao expressar que não se acha nada pronto para cadeirantes em termos de atividade. E isso é uma questão pertinente para se problematizar, pois, ao relatar isso, P-04 alega uma possível falta de bibliografia voltada para atividades adaptadas em específico para discentes com necessidades educativas específicas. Isso, de certa forma, segundo o relato, remete-nos ao pensamento de que se o professor em questão tivesse uma formação específica ou até mesmo uma formação básica ou continuada focada na abordagem de um grupo específico e de uma Educação Física Adaptada, seus procedimentos de ensino seriam mais abrangentes e suas ações pedagógicas mais fidedignas.

Dialogamos então com Chicon (2008) ao escrever que a inclusão nas aulas de Educação Física está relacionada predominantemente, com aspectos atitudinais e procedimentais juntamente com o preparo profissional e no meio para atingir seus objetivos, isso passa pela escolha da metodologia de ensino e de procedimentos didáticos. Segundo Lima (2002, p.122) depende da necessidade de que “[...] possuam o domínio básico de conhecimentos que os auxiliem a se aproximarem das pessoas com deficiência, no sentido de se integrarem com elas, obtendo assim subsídios para atuarem pedagogicamente [...]”. Os estímulos devem vir da formação docente “[...] para que eles busquem subsídios para exercerem suas funções [...]” (BARADEU, 2007, p.18).

## **Infraestruturas: escolas, seus entornos e implicações nos processos educacionais de cadeirantes**

Uma das nossas inquietações em relação à situação dos cadeirantes nas escolas municipais no município de Rio Grande, está voltada a estrutura física das instituições de ensino para atender os cadeirantes e seus entornos. Na busca pelas escolas onde se concentravam esses discentes realizamos um mapeamento junto a SMED e visitamos todas as escolas que contavam com cadeirantes em seus quadros. Decidimos então dividir as características estruturais e que julgamos pertinentes para serem observadas em uma escola, de modo que, possa atender os cadeirantes. Após essa divisão começamos as visitas às instituições de ensino, onde por meio de um diário de campo fizemos anotações sobre pátios, rampas adaptadas, banheiros adaptados, portas adaptadas, elevadores e outras questões relacionadas a acessibilidade dentro e no entorno das escolas. Fotografamos as instituições de ensino visitadas com o devido consentimento da direção escolar, assim como fizeram Figueira, Pereira e Soares (2015) ao investigarem em como a arquitetura influencia na Educação.

De acordo com os resultados obtidos nesse levantamento, algumas escolas apresentam cadeirantes em seus quadros, porém o que nos foi relatado é que os mesmos não realizam a aula de Educação Física por suas condições físicas impedirem qualquer tipo de vivência motora. Este dado, foi corroborado com a análise dos materiais sobre órtese e prótese<sup>5</sup>, assim como as narrativas dos participantes da pesquisa apresentadas neste tópico e a pesquisa de Nunes (2014) ao narrar o quanto as arquiteturas inibem o acesso e circulação de sujeitos cadeirantes ou outras deficiências nas instituições escolares.

A maioria das escolas apresentou rampas adaptadas, porém de algumas delas não são adequadas para o tamanho das cadeiras. Além de íngremes, estão localizadas em poucos locais nos pátios, o que limita o espaço destes discentes e dificulta o direito da livre locomoção pelas dependências das escolas. Outro ponto a ser destacado é o fato de que a maioria das instituições apresentam pátios esburacados e desnivelados, fatores que além de gerar desgaste das cadeiras, exige mais força dos cadeirantes para se locomoverem, no interior das escolas. Grifamos que as

5 No artigo de revisão sobre órtese e prótese abordamos como a presença desses elementos podem contribuir ou restringir a participação de estudantes em distintas ações da vida cotidiana.

instalações das escolas, em sua maioria, são construções antigas, notamos isso ao nos deparar com portas ainda estreitas das salas de aula, contudo existem exceções. Nesse sentido, inferimos que inclusão significa ir além da inserção física “[...] pessoas deficientes no ensino regular ou em um ambiente comum, a inclusão implica em dar outra lógica à escola, isto é, pensar em uma escola que não deixe nenhum aluno de fora [...]” (TESSARO, 2005, p.23).

Com relação ao acesso em torno das escolas as situações requerem ainda mais atenção. Não presenciámos, em alguns casos, cordões rebaixados, o que é algo alarmante, pois cordões convencionais impedem a passagem de maioria das cadeiras de rodas, podendo ocasionar acidentes, fazendo com que o cadeirante tenha que recorrer a ajuda alheia, que nem sempre pode estar presente no momento de travessias, por exemplo. Algumas ruas no entorno das escolas apresentam pavimentação em estado inadequado de uso (com buracos) assim os acessos a elas são ruins, pois a ação do tempo e usos deteriora a maioria das estruturas, e se não houverem reformas constantes que visem a acessibilidade produz um sucateamento das mesmas.

A escolas apresentam banheiros, com alguma forma de adaptação. Contudo, observamos que esses banheiros, em alguns casos, são utilizados, também, como depósito de materiais em um caso, a direção da escola relatou que o cadeirante não utilizava o banheiro em questão. Com relação aos elevadores, apenas uma escola apresentou, todavia, estava inoperante por falta de investimento. Todos estes fatores ligados à infraestrutura dentro e fora das escolas, somada a falta de materiais adaptados, tendem a dificultar os acessos dos cadeirantes e o trabalho dos professores de Educação Física.

Segundo os participantes da pesquisa a inexistência de materiais, ou mesmo, o difícil acesso a alguns espaços das escolas pode ser um dificultador do planejamento (RODRIGUES, 2011) e execução das aulas. Estes fatores complicadores restringem direitos e vivências que não podem ser negadas a esses discentes. Os sujeitos da pesquisa apontaram que são necessárias melhorias nas infraestruturas dentro e fora das escolas. P-01, P-02 e P-03 destacaram que: “[...] é preciso mais atenção para o todo, para o contexto destes alunos [...] nós precisamos estar atentos aos estudos sobre estes alunos” (P-01); “[...] a estrutura é parte essencial para conduzirmos nossas aulas [...] por conta disso, temos que ir adaptando nossas aulas todos os dias e estudar mais” (P-02); “[...] as aulas dependem das condições da escola, dos materiais e de sabermos como os alunos estão se sentindo [...] é um processo constante de aprendizado [...]” (P-03).

P-01 relata ainda que as estruturas das escolas em que ele ministra suas aulas, são “precárias em todos os sentidos”. Ele menciona que o acesso complicado a quadra de esportes, não contempla as necessidades de um cadeirante, relata que ela é extremamente pequena para atendê-los, pois ele precisa de mais espaço que os outros alunos. O professor tem que dividir sua turma em 3 (três) ou 4 (quatro) grupos para realizar suas aulas, tendo sempre que se preocupar com a questão da locomoção do cadeirante.

“[...] às vezes tu vai fazer uma atividade com bola de basquete e a bola é pesada demais, porque quem está na cadeira de rodas tem mais atrofia muscular, então se eu for trabalhar com uma atividade de arremesso com bola de basquete já é um problema, uma bola mais leve adaptada já ajudaria [...] a questão do monitor, tu precisa de monitor, porque são turmas grandes de 25 a 30 alunos, aí o aluno quer ir ao banheiro, aí tu para a aula, chama um funcionário para levar o aluno até o banheiro, aí se tu sai da quadra por cinco minutos, os alunos já estão desorganizados, mexendo nos materiais principalmente com os pequenos, o monitor faz diferença, [...] não tem como darmos atenção exclusiva, as vezes eu não deixo ela fazer alguma atividade por medo de ela se machucar, esses dias a gente fez uma atividade com bola de basquete, arremessando nos bambolês, aí se alguém atira a bola nela, ela não vai conseguir se defender, vai tentar pôr a mão e pode se machucar, ressabiado, e ficar com medo das atividades, daqui a pouco uma bola mais leve seria legal [...]” (P-01).

P-02 narra: “[...] olha pelo que tenho visto em relação a outras escolas, esta abrange bem os cadeirantes, tem rampa de acesso, tem facilidades, não é tão complicado para o cadeirante hoje em dia na escola porque tem os monitores que acompanham eles todo o tempo, essa escola tem vários alunos com deficiência, os alunos que tem deficiência já procuram ela, porque sabem que tem uma boa estrutura, ano passado tinham 4 cadeirantes, aí dois saíram e ficamos com dois esse ano [...]”.

Essa afirmação só serve para darmos um contraste em relação às escolas da rede municipal,

pois por um lado temos uma escola com boa estrutura para atender os cadeirantes e por outro lado temos uma escola “precária em todos os sentidos” como diz P-01 e Oliveira (2012). P-03 considera a estrutura “[...] *Um pouco deficiente, pois este ano quando fomos entrar na quadra, por exemplo, não havia rampa, então solicitei que fizessem e logo foi construída. Mas o pátio da escola apresenta vários buracos que deixam o deslocamento mais perigoso. Mas de forma geral, ela se desloca bem nas dependências da escola*”. P-03 expõe que a turma esteve com uma estagiária por 3 (três) meses, e então não teve tanto contato assim com a cadeirante.

Para P-04 “[...] *nessa escola a gente tem toda a infraestrutura temos banheiro adaptado, rampas de acesso, tem materiais, diferente de muitas escolas que eu já trabalhei, aqui tem toda a estrutura pra atender um cadeirante, só não temos uma formação específica, pra atender, mas vai muito da gente, querer buscar informação, procurar e não deixar o aluno ali de enfeite, porque inclusão não é isso, ela serve muito bem no papel, mas na pratica é bem diferente, a gente teve esportes adaptados um semestre, vendo atividades pra deficientes diferentes, mas não tendo um leque específico, mas tu tem que ir atrás mesmo, eles te dão um norte, depois tu vai batalhando, eu considero isso difícil porque eu trabalho manhã e tarde, e a noite agora eu não tenho, mas até ano passado eu tinha, então nessas horas a internet ajuda bastante, sobrando muito pouco tempo pra ti fazer cursos pra estar se aprimorado, se atualizando, mas é isso é a vida [...]*”.

Essas palavras nos colocam a pensar sobre as dificuldades de ser professor, nas cargas horárias maçantes que nos submetemos para ter um salário digno, porém ressaltamos que para além da boa estrutura dessa escola em específico, a P-03 sente falta de uma formação para atender esses discentes. Devido às suas jornadas de trabalho, os professores não dispõem de tempo hábil para buscar informações adicionais sobre como proceder com os cadeirantes, como destaca Cruz (2013). Além de ser mais uma atribuição para o professor “dar conta”, questionamos se isto não pode vir a prejudicar os estudantes?

## **Das aulas, das ferramentas, dos saberes, dos fazeres e dos caminhos percorridos: o que ficou?**

Com base em inquietações pessoais, realizamos um levantamento em bases de dados, posterior a isso recorremos a SMED e depois realizamos visitas as escolas em que os cadeirantes estavam matriculados. Analisamos as estruturas físicas de 18 instituições para percebermos como se davam as condições para atender esses sujeitos. Realizamos esta última etapa, pois julgamos que isso poderia interferir nas ações pedagógicas utilizadas pelos professores em suas aulas, descentralizando de certa forma o foco do estudo para além das questões de arquitetura, fator que é contemplado nas narrativas dos entrevistados.

A maioria das instituições de ensino apresentou estruturas castigadas pelo tempo, quadras e pátios esburacados, rampas de acesso íngremes e acesso dentro e fora das escolas precário. Isso, de certa forma, limita o trabalho do professor de Educação Física, pois para além da questão estrutural, faltam materiais adaptados para a utilização nas aulas, restando poucas opções de atuação. A atuação de todos os entrevistados foi a adaptação de atividades de outras modalidades visando adequá-las aos cadeirantes, o que pode limitar o leque dos docentes se não forem pensadas formas diferentes de criação de saberes sobre as temáticas que envolvem os cadeirantes.

Ao analisarmos as narrativas dos professores entrevistados que atuam diretamente com discentes cadeirantes, percebemos que apesar desses sujeitos participarem das aulas de Educação Física, a maior parte deles é prejudicado pela má estrutura das escolas no que tange a acessibilidade, locomoção e falta de materiais específicos. Os relatos tanto em conjuntura com a parte de formação pedagógica, como com a parte metodológica de como proceder com esses discentes, se basearam em fazer arranjos e adaptações nas atividades visando a participação deles. Essas narrativas nos parecem que limitam o professor, pois na nossa concepção, disciplinas voltadas para públicos específicos, apesar de constarem em algumas grades curriculares, deveriam ser obrigatórias na formação docente, mas são optativas em alguns cursos de licenciatura em Educação Física, segundo os entrevistados.

Algumas dessas disciplinas voltadas para públicos específicos, quando ofertadas, duram apenas um semestre, o que conseqüentemente não contempla especificidades dos aprendizados,

pelo fato de que essas disciplinas abrangerem, também, outras deficiências, o que seria um curto período de tempo para contemplar somente uma temática, quiçá outras. Acreditamos que essas disciplinas deveriam ter um tempo de duração mais abrangente no quadro das instituições, para serem trabalhadas com mais ênfase as especificidades. Tal entendimento é voltado para conseguirmos ampliar as possibilidades de leitura sobre os códigos internacionais de doenças, ou patologias específicas a suas características, para deste modo, auxiliar na formação dos professores.

Em relação às metodologias, a falta de subsídios por parte acadêmica na formação dos professores entrevistados, evidenciou que os métodos criados por eles vão se distanciar em alguma instancia, direcionando-os para olhares e percepções pessoais sobre como agir com esses discentes. De certa forma, pensar em outros tipos de procedimentos metodológicos, para além de fazer arranjos e adaptações nos conhecimentos já existentes se faz necessário, visto que para a maioria das disciplinas de outras áreas de atuação, há uma busca por outros conhecimentos e outras pedagogias de ensino. Ao considerar as limitações e individualidades de cada um, também deveriam existir.

Por tudo isso, apresentamos que os professores não seguem uma metodologia específica para o trabalho com esses discentes. Nossos sujeitos da pesquisa relataram a falta de subsídios na parte da formação acadêmica dos licenciandos. Destacaram que as disciplinas que tiveram não eram voltadas para públicos específicos, apesar de constarem em algumas grades curriculares, não foram obrigatórias nos cursos de licenciatura em Educação Física, dos sujeitos entrevistados. Alegaram a falta de materiais específicos, bem como problemas de acessibilidade na maioria das escolas. Mencionaram a falta de monitores e materiais adaptados para os cadeirantes poderem desenvolver as atividades propostas pelos professores.

Os entrevistados não tem uma formação específica para trabalhar com alunos cadeirantes e alegaram sentirem-se despreparados para lidar com situações em que precisam programar e pensar atividades e maneiras de integrar o cadeirante às vivências propostas. Alegaram a existência de pouco, ou nenhum material adaptado para confecção das aulas, além da precária estrutura para atender os cadeirantes de forma minimamente satisfatória.

Encerramos então, mesmo que provisoriamente, anunciando que foi a favor das complexidades que colocamos esta pesquisa, suas potências, seus limites e contingências. Isso porque, ao tratar de sujeitos em construção, e em específico os cadeirantes, e culturas em transformação esta proposta correspondeu algumas das nossas inquietações e modos de pensar o quão múltiplos são os campos e linguagens da Educação Física.

No desenvolvimento da mesma, fomos impulsionados a pensar outras possibilidades de pesquisas, ou mesmo, outros pontos a serem analisados, porém destacamos que o tempo e a necessidade de encerrarmos o texto que nos motivou e esbarrou nos nossos olhares limitados e por hora, um tanto fragilizados pelas leituras recorrentes, ao longo dos processos de escrita. Fica a vontade de saber mais e que outras pesquisas venham complementar essa.

## Referências

BARADEU, Carina de Barros. **Didática: Contribuições Teóricas e concepções de Professores** – (Monografia) – Graduação em Pedagogia - Faculdade de Ciências – UNESP. Bauru, 2007.

BEUREN, Ilse Maria. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. **A saúde pública e a defesa da vida**. 2 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

CARMO, Apolônio Abadio do. Educação Física e inclusão escolar: Em busca da superação dos limites da adaptação. **Revista conexões**, [Impresso], v.6, pp. 21 – 36, 2001.

CHICON, Francisco José. Inclusão e exclusão no contexto da educação física escolar. **Movimento**. Porto Alegre. [S. l.], v. 14, n. 1, pp. 13–38, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3760>. Acesso em: 11 abr. 2022.

CRUZ, Ederson de Sousa. **Inclusão de alunos cadeirantes nas aulas de Educação Física da rede estadual de Araguaína – Tocantins** – (Monografia) - Graduação em Educação Física/ licenciatura. Araguaína – TO. 2013.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, pp.01-13, 2008. Disponível em: <https://rica.unibes.com.br/rica/issue/view/18>. Acesso em: 11 de abr. de 2022.

DUTRA, Claudia Pereira Dutra; GRIBOSKI, Claudia Maffini; ALVES, Denise de Oliveira; BARBOSA, Kátia Aparecida Marangon. **Política nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília. 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso em: 10 de abr. de 2022.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os Estudos Culturais e a constituição de sua identidade. In.: GUARESCHI, N.; BRUSCHI, M. [Org.] **Psicologia social nos Estudos Culturais**. Petrópolis, Vozes. 2003.

FIGUEIRA, Peterson Furtado; PEREIRA, Antônio Luiz Silveira; SOARES, Rodrigo Lemos. Infraestrutura escolar: pode interferir nas aulas de Educação Física? **REDSIS - Revista Didática Sistemática**. 2015. pp. 201-212. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/redsis/article/view/5916/3654>. Acesso em: 20 out. 2016.

FREIRE, João Batista. Pedagogia do Esporte. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. [Org.] **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da Educação**. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIROUX, Henri. Praticando Estudos Culturais nas faculdades de Educação, In.: SILVA, T. T. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação**. Petrópolis: Vozes, 2005.

LEHNEN, Alexandre Machado; RODRIGUES, Bruno; ANGELIS, Kátia de. **Exercício Físico para populações especiais**. [Rev. Téc.] SILVA, M. G. Porto Alegre: SAGAH, 2019.

LIMA, Priscila Augusta. **Educação Inclusiva e igualdade social**. São Paulo; AVERCAMP, 2002.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARQUES, Luciana Pacheco; CARNEIRO, Carla Toscano; ANDRADE, Josiane da Silva; MARTINS, Nathalia Toledo; GONÇALVES, Rafael Marques. Analisando as pesquisas em educação especial no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Especial**. 2008, v. 14, n. 2, pp. 251-272. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382008000200008>. Acesso em: 10 de abr. de 2022.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, T. T. da. [Org.]. **Alienígenas em Sala de Aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação**. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995. pp. 07 – 38.

NUNES, Daniel Nascimento. **O processo de inclusão educacional de alunos cadeirantes nas aulas de educação física no município de Rio Grande/ RS** – (Monografia) - Graduação em Educação

Física/ licenciatura - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande/RS, 2014. 66f.

RODRIGUES, Maria Bernadete Castro. Planejamento: em busca de caminhos. In.: ZEN, M. I. H. D.; XAVIER, M. L. M. [Orgs.]. **Planejamento em destaque: análises menos convencionais**, 4ª ed. Ver. - - Porto Alegre: Mediação, 2011, pp. 29 – 42.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SCHIMITH, Maria Denise; LIMA, Maria Alice Dias Silva. Acolhimento e vínculo em uma equipe do Programa Saúde da Família. **Cadernos de Saúde Pública**, [online]. Rio de Janeiro, nov. - dez., 2004, v. 20, n. 6, pp. 1487-1494. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2004000600005>. Acesso em: 11 abr. de 2022]

SILVA, Tomaz Tadeu. da. A pedagogia como cultura, a cultura como pedagogia. In: SILVA, T. T. da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

TESSARO, Nilza Sanches. **Inclusão Escolar: concepções de professores e alunos da educação regular e especial**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

UCHÔA, Elizabeth; VIDAL, Jean Michel. Antropologia Médica: Elementos Conceituais e Metodológicos para uma Abordagem da Saúde e da Doença. **Cadernos Saúde Pública**, Rio de Janeiro, [online]. 2004, v. 10, n. 4, pp. 497-504. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1994000400010>. Acesso em: 11 abr. de 2022.

VEIGA-NETO, Alfredo. Planejamento e avaliação educacional: uma análise menos convencional. In.: ZEN, M. I. H. D.; XAVIER, M. L. M. [Orgs.]. **Planejamento em destaque: análises menos convencionais**, 4ª ed. Ver. - - Porto Alegre: Mediação, 2011, pp. 63 – 74.

WILLIS, Susan. **Cotidiano: para começo de conversa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; VEIGA-NETO, Alfredo. **Estudos culturais da Ciência & Educação**. Belo Horizonte, Autêntica. 2001.

Recebido em 17 de abril de 2022.

Aceito em 16 de agosto de 2022.